

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

TAMYRES DE FRANÇA QUEIROZ

**O BRINCAR NA ZONA RURAL: UMA COMPARAÇÃO ENTRE O ONTEM E O
HOJE**

RECIFE, 2023

TAMYRES DE FRANÇA QUEIROZ

**O BRINCAR NA ZONA RURAL: UMA COMPARAÇÃO ENTRE O ONTEM E O
HOJE**

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado segundo as normas da Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, como exigência final para obtenção do grau de Terapeuta Ocupacional, pelo Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Costa Albuquerque

RECIFE, 2023

RESUMO: O brincar é considerado como uma das principais ocupações da criança. Partindo da compreensão de influências no brincar, esse trabalho propõe descrever o brincar da infância de moradoras da zona rural, na perspectiva intergeracional. Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa, realizado com oito mães e oito filhas residentes em Limoeiro-PE. Na coleta de dados foram empregados a técnica da entrevista, o procedimento Desenho-Estória e o diário de campo. Para análise, foi adotada a metodologia da Análise do Conteúdo de Bardin partindo do referencial de Romeu Gomes. Nos resultados foram identificados como semelhanças do brincar entre ambas as gerações: espaços onde as brincadeiras geralmente acontecem, familiares como principais parceiros no brincar e as características de jogos, brinquedos e brincadeiras. A inserção das novas tecnologias no cotidiano das crianças, a facilidade na aquisição de brinquedos industrializados e a qualidade dos brinquedos são tidos como as diferenças mais evidentes. Diante do objetivo deste estudo, do quantitativo e características singulares da amostragem, os dados apresentados podem divergirem de estudos semelhantes em relação às características de jogos, brinquedos e brincadeiras vivenciados nos espaços rurais. Podendo vir a se tornar, um guia para novos estudos e inquietações que envolvam o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Brincadeiras; Desenvolvimento Infantil; Jogos e Brinquedos; Relações Familiares; Terapia Ocupacional; Zona Rural.

ABSTRACT: Playing is considered one of the main occupations of the child. Based on the understanding of influences on playing, this work proposes to describe the childhood playing of rural residentes, from an intergenerational perspective. This is a descriptive-exploratory study, with a qualitative approach, carried out with eight mothers and eight daughters living in Limoeiro-PE. In the data collection, the interview technique, the Drawing-History procedure and the field diary were used. For analysis, Bardin's Content Analysis methodology was adopted based on Romeu Gomes' framework. The results identified similarities in play between both generations: space where play usually takes place, family members as the main partners in play and the characteristics of games, toys and pranks. The insertion of new technologies into children's daily lives, the ease in purchasing industrialized toys and the quality of the toys are seen as the most obvious differences. Given the objective of this study, the quantity, and unique characteristics of the sampling, the data presented may differ from similar studies in relation to the characteristics of games, toys and games experienced in rural spaces. It could become a guide for new studies and concerns involving the topic.

KEYWORDS: Pranks; Child development; Games and Toys; Family relationships; Occupational therapy; Countryside.

1. INTRODUÇÃO

O brincar é reconhecido como um elemento intrínseco ao desenvolvimento infantil. Caracterizada como uma atividade espontânea e de cunho sociocultural que, assim como outras atividades do tipo, requer uma aprendizagem e elaborações¹.

É no simbolismo do brincar que a criança se depara com a possibilidade de produzir representações de situações do cotidiano. Nessa relação entre a fantasia e o plano real, elas aprendem a lidar com situações diversas que virão surgir ao longo da sua vida¹. Brincando, desenvolvem habilidades motoras, suas capacidades imaginativas e criativas, sendo possível também construir a noção do real e do irreal²⁻³. Desvendam características singulares das culturas e sociedades, favorecendo o desenvolvimento das relações estabelecidas na infância, sejam elas entre criança-criança, criança-adulto e criança-sociedade³.

Para a terapia ocupacional, o brincar é considerado como uma das principais ocupações da criança^{4,2}. Segundo a American Occupational Therapy Association – AOTA, as ocupações são atividades significativas e que trazem propósito à vida, realizadas por um indivíduo durante o seu dia a dia. Estão categorizadas em: Atividades de Vida Diária (AVD), Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVD), Gestão da Saúde, Sono e Descanso, Educação, Trabalho, Lazer, Participação Social e o Brincar/Jogar⁵.

A maneira a que cada indivíduo, grupo ou população se envolvem e participam nas suas ocupações, é influenciada diretamente por fatores ambientais e pessoais, o que torna uma experiência subjetiva⁵. Isso é reforçado pela ideia apresentada pelas autoras Navarro e Prodócimo⁶ que, em seu trabalho afirmam sobre a dinamicidade do brincar, defendendo que as brincadeiras mudam de acordo com o sujeito, a época e o local onde ocorrem.

A título de exemplo do anteriormente exposto, é característico das crianças que vivem na zona rural possuem um maior espaço e contato com a natureza para desenvolver as suas brincadeiras se comparado às crianças da zona urbana⁷. Distinguindo esses dois cenários, as áreas urbanas adquirem como características em comum uma maior densidade demográfica, grande concentração populacional e economia local proveniente de atividades secundárias e/ou terciárias. As áreas rurais, por sua vez, têm por características menor densidade demográfica, dispersão da população no território e economia ligada às atividades primárias, principalmente as agropecuárias⁸.

A identificação de padrões, costumes, mitos, entre outras características, transmitidos da cultura familiar, entre as gerações, se configura como proposta de uma abordagem intergeracional⁹. Almeida, Rocha e Costa¹⁰, sugerem sobre a possibilidade de compreender o compartilhamento de aspectos socioculturais entre gerações de pessoas de uma mesma faixa etária. Ao explorar sobre o brincar de um assentamento rural sobre uma perspectiva intergeracional, chamam atenção para a diminuição da frequência de brincadeiras tradicionais e a recreação do brincar com influência midiática e das novas tecnologias. No entanto, ressaltam que apesar das mudanças temporais e espaciais, a essência do brincar permanece.

Diante do cenário contemporâneo e partindo da compreensão da influência dos fatores ambientais e pessoais no brincar, esse trabalho se propõe a descrever o brincar da infância de moradoras da zona rural, em uma perspectiva intergeracional.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa, realizado nas residências de famílias residentes na zona rural do município de Limoeiro-PE entre os meses de maio e junho 2023.

Segundo Minayo¹¹, a pesquisa qualitativa responde a fenômenos que se relacionam com questões particulares do indivíduo ou de grupos como as crenças, valores e atitudes. Se aprofunda no mundo dos significados que, diferentemente da pesquisa quantitativa, dificilmente pode ser representada por número e indicadores quantitativos.

De acordo com o último censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE)¹², a população limoieirense está estimada em 56.510 (cinquenta e seis mil, quinhentos e dez) habitantes. Também conhecido como a “Princesa do Capibaribe”, o município está situado no agreste pernambucano, distante a 77 quilômetros do Recife, capital pernambucana.

Para a pesquisa, o período da coleta de dados ocorreu entre os meses de maio e junho de 2023, com a aprovação do estudo no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco, mediante o número do parecer consubstanciado 6.011.784.

Diante dos estereótipos de gênero difundidos pela sociedade e atribuídos ao brincar, e por se tratar de uma pesquisa de natureza exploratória, a seleção da amostragem foi limitada à participantes do mesmo gênero, o feminino. Visando aprofundar em detalhes aspectos do brincar de meninas moradoras da zona rural por meio de uma perspectiva intergeracional. Para tal, as mães e filhas participantes do estudo foram selecionadas de acordo com os seguintes critérios:

- A) Critérios de inclusão para as mães: mães acima de dezoito anos e com história de vida exclusiva na zona rural.
- B) Critérios de inclusão para as filhas: crianças de sete a dez anos, sendo filhas consanguíneas ou adotadas, cuidadas pelas mães e com história de vida exclusiva na zona rural.

Foram definidos como critérios de exclusão para a pesquisa:

- A) Critérios de exclusão para as mães: mães cujas filhas não participem do procedimento Desenho-história e/ou que apresentem alguma alteração neurológica, mental, física ou cognitiva que interfiram na elaboração das respostas da entrevista semi-estruturada.
- B) Critérios de exclusão para as filhas: crianças cujas mães não participem da entrevista e/ou apresentem alguma alteração neurológica, mental, física ou cognitiva que interfiram na elaboração do desenho-história.

Para o convite à pesquisa, foi realizado um rastreamento de crianças do sexo feminino com idade entre 7 e 10 anos em duas instituições de ensino, a Escola Luís Sátiro Pereira e a Escola Municipal Humberto de Alencar Castelo Branco, ambas localizadas no distrito de Vila Mendes, em Limoeiro-PE. A faixa etária definida foi selecionada pelas características similares do desenvolvimento infantil que ocorrem nesse período e que se diferem de outras fases do desenvolvimento. O rastreamento destas desenrolou-se nas instituições citadas por receberem em sua totalidade alunos advindos de localidades rurais do município. Vale salientar que as escolas foram previamente visitadas para a apresentação da proposta deste estudo e que deixaram explícito, a partir da elaboração e fornecimento das cartas de anuências, o consentimento para que a pesquisadora pudesse realizar os procedimentos necessários para a produção desta pesquisa.

Através das crianças foram encaminhados às suas mães uma carta-convite contendo uma breve descrição do projeto e um pequeno questionário onde foi possível analisar características

das convidadas a respeito dos critérios de inclusão e exclusão, suas intenções de participação e obter um meio de contato. Das 86 (oitenta e seis) crianças do sexo feminino entre sete e dez anos matriculadas nas escolas, apenas 37 (trinta e sete) apresentaram o retorno das cartas-convite. A partir da análise das respostas, 16 (dezesesseis) mães e suas respectivas filhas aceitaram participar, 11 (onze) duplas se enquadrando aos critérios desta pesquisa. Após contactar as onze mães através do número para contato preenchidos no convite, três desistiram de participar alegando falta de tempo e/ou interesse. Assim, a amostra foi composta por 16 participantes: 8 mães e 8 crianças.

Para a coleta de dados foram empregados como instrumentos a técnica da entrevista, o procedimento Desenho-Estória com Tema (D-E) e o diário de campo que consiste em um material, onde são registradas informações dos encontros para a análise qualitativa, embora não façam parte do material da entrevista¹¹.

O tipo de entrevista definida para as mães do estudo foi a semi-estruturada, cujo roteiro apresenta uma combinação de perguntas abertas e fechadas. Elas foram realizadas nas residências das participantes de maneira individual e duraram em média 16 minutos.

A seguir, estão apresentadas as questões que nortearam as entrevistas:

- Identificação: nome, escolaridade, profissão, data de nascimento, endereço
- Como era que você brincava quando tinha a idade da sua filha?
- Das brincadeiras que você comentou, quais você ensinou para sua filha?
- Do que você costuma brincar com sua filha?
- Como era constituída sua família enquanto criança e como é hoje em dia?
- De acordo com as memórias da sua infância ao comparar o seu modo de brincar com o brincar da sua filha, quais as diferenças e semelhanças você consegue identificar?

Para as crianças, pelo fato do desenho ser uma atividade bem presente durante a infância, julgou-se ser mais adequado para coleta de dados junto às mesmas, adotar o procedimento de Desenhos-Estórias (D-E) com tema, técnica desenvolvida por Walter Trinca e que possibilita investigar a personalidade através de desenhos associados a histórias. Ao utilizar-se de informações técnicas temáticas e gráfica, tal procedimento proporciona auxiliar o pesquisador na medida em que amplifica as informações a respeito do participante¹³.

Realizado nas residências de cada participante, o procedimento para realização do D-E foi tomado em etapas semelhantes para todas as crianças, não ultrapassando de 1 hora de duração. Inicialmente, o ambiente era preparado de modo a oferecer um espaço confortável e com menor nível de interferências possível. Logo após, eram entregues os materiais necessários para a produção: lápis grafite, uma caixa de lápis para colorir com 12 cores e folhas de papel ofício mantidas sempre na posição horizontal. As folhas de ofício eram do tamanho A4, sendo entregues uma por vez, somando o total de três. Durante a aplicação era pedido que a participante realizasse um desenho com uma temática previamente definida. Em seguida, era solicitado que contasse uma história referente ao material que havia acabado de produzir e que concedesse um título. Ao fim da história, eram realizadas perguntas com o objetivo de esclarecer dúvidas e buscar maiores informações sobre os temas.

Foram produzidos três desenhos com as temáticas: (1) Faça um desenho sobre o que você costuma brincar; (2) Faça um desenho sobre o que você mais gosta de brincar; (3) Dentre os jogos, brinquedos e brincadeiras que vou citar, desenhe apenas o que você já brincou. O último desenho solicitado à participante, era resultado da entrevista anteriormente realizada com sua respectiva mãe, em que a partir do diálogo, eram listados os jogos, brinquedos e brincadeiras que ela costumava brincar durante sua infância.

As entrevistas e as aplicações do procedimento D-E foram realizadas somente após as assinaturas dos Termos de Consentimentos Livres e Esclarecidos e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. Durante suas realizações, foi utilizado o suporte de gravações em

equipamento digital. Adiante, o material das gravações foi transcrito na íntegra e em conjunto com o conteúdo do diário de campo, analisados.

Para análise dos dados, foi adotada metodologia da Análise do Conteúdo de Bardin a partir do referencial de Romeu Gomes, uma técnica voltada para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do discurso¹⁴. Das técnicas existentes da Análise do Conteúdo, a análise temática foi julgada como mais apropriada para esta pesquisa. Assim, a análise se desdobrou nas seguintes etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Após a transcrição e organização do material, na pré-análise foi realizada uma leitura de primeiro plano em que foi possível ter uma compreensão do conjunto do material, favorecendo nas escolhas das formas de classificação dos dados. Na etapa da exploração do material, identificou-se núcleos de sentido que originaram as seguintes categorias: Caracterização das participantes e família; Caracterização dos jogos, brinquedos e brincadeiras da infância de mães e suas filhas moradoras da zona rural; O brincar entre mães e filhas moradoras da zona rural; O brincar contemporâneo sob o ponto de vista de mães moradoras da zona rural: semelhanças e diferenças da sua infância. Por fim, o material foi tratado e interpretado pela pesquisadora, em consonância com a literatura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Caracterização das participantes e família

A partir da apresentação do perfil sociodemográfico das participantes (Tabela 1), podemos inferir que as mães possuem faixa etária entre 28 e 46 anos e em sua totalidade desenvolvem suas atividades laborais no meio rural, se caracterizando como agricultoras rurais. Programas Federais de transferência de renda, empregabilidade dos companheiros e prestação de pequenos serviços, complementam a renda familiar.

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico quanto à idade, escolaridade, profissão e número de filhos das mães participantes deste estudo. Recife, 2023.

Participantes (Mães)	Idade	Escolaridade	Profissão	Número de filhos
M1	34	Ensino Fundamental Incompleto	Agricultora Rural	3
M2	28	Ensino Médio Completo	Agricultora Rural	2
M3	26	Ensino Médio Completo	Agricultora Rural	1
M4	43	Ensino Médio Completo	Agricultora Rural	3
M5	43	Ensino Médio Incompleto	Agricultora Rural	2
M6	46	Ensino Médio Incompleto	Agricultora Rural	2
M7	29	Ensino Médio Completo	Agricultora Rural	3
M8	33	Ensino Médio Completo	Agricultora Rural	2

FONTE: Autoria própria, 2023.

No que se refere à escolaridade 12,5% (1) possui o ensino fundamental incompleto, 25% (2) ensino médio incompleto e 62,5% (5) ensino médio completo. Em relação ao número de filhos é distribuído uma taxa média de 2,25 por mãe.

A seguir, a tabela 2 traz a caracterização das crianças participantes deste estudo. As numerações que seguem as consoantes fazem referência à relação entre mãe e filha. Exemplificando: M1 é mãe de F1, M2 é mãe de F2 e assim sucessivamente. Das oito participantes crianças, duas possuem 7 anos de idade, uma 9 anos e cinco com 10 anos. Todas cursando o Ensino Fundamental.

Tabela 2 – Perfil sociodemográfico quanto à idade e escolaridade das filhas participantes deste estudo. Recife, 2023.

Participantes (Filhas)	Idade	Escolaridade
F1	10 anos	Cursando 5 ° ano Ensino Fundamental
F2	7 anos	Cursando 2 ° ano Ensino Fundamental
F3	9 anos	Cursando 4 ° ano Ensino Fundamental
F4	10 anos	Cursando 5 ° ano Ensino Fundamental
F5	10 anos	Cursando 5 ° ano Ensino Fundamental
F6	7 anos	Cursando 2 ° ano Ensino Fundamental
F7	10 anos	Cursando 5 ° ano Ensino Fundamental
F8	10 anos	Cursando 5 ° ano Ensino Fundamental

FONTE: Autoria própria, 2023.

As residências estão localizadas e distribuídas entre 5 localidades rurais do município de Limoeiro: Sítio Bom Sucesso (1), Sítio Lagoa Vermelha (1), Sítio Mendes (3), Sítio Pedra do Sono (1) e Sítio Sapé (1).

Quando analisados o perfil dos componentes familiares, durante a infância das mães foi calculado uma média de 7,5 pessoas por domicílio. Até o momento em que este estudo foi realizado, essa média de habitantes por domicílio caiu para 4,38.

Essa discrepância do número de componentes familiares ocupando a mesma residência pode estar associado à redução da taxa de fecundidade no Brasil. No país, no período de 1970, a taxa de fecundidade total na região rural do Nordeste era de 8,5 filhos por mulher. Até os anos 2000, foi registrado uma queda para 3,8 filhos por mulher¹⁵.

Analisando sobre a relação entre níveis de escolaridade e a taxa de fecundidade no Brasil, Duarte e Teixeira¹⁶ apontam que de acordo com o aumento do nível de escolaridade da mulher, o padrão de fecundidade vem a se tornar mais tardio. A partir de seus estudos explicam que isso vem a ocorrer uma vez que elevados níveis de escolaridade refletem no aumento do empoderamento feminino, contribuindo assim para o fortalecimento da autonomia das mulheres no que diz respeito à tomada das suas próprias decisões, tal qual, o controle sobre sua própria fertilidade. Para mais, a inserção da mulher no mercado de trabalho e a ampliação do uso de métodos contraceptivos são aspectos que corroboram para a diminuição do número de filhos por mulheres¹⁶.

3.2 Caracterização dos jogos, brinquedos e brincadeiras da infância de mães e suas filhas moradoras da zona rural

Na categoria em questão são agrupadas informações analisadas do brincar da infância das mães e de suas filhas moradoras da zona rural. A princípio, estão representados na tabela 3, os jogos, brinquedos e brincadeiras vivenciados pelas mães e suas filhas:

Tabela 3 – Jogos, brinquedos e brincadeiras da infância das mães e das filhas participantes deste estudo. Recife, 2023.

Jogos, brinquedos e brincadeiras vivenciados pelas participantes	Mães que citaram brincar	Filhas que citaram brincar
Amarelinha	M1, M2	F2, F3
Animais	M4	
Balanço	M4	F2, F4
Bambolê	M7	
Barra-bandeira	M6	

Continua...

Tabela 3 – Jogos, brinquedos e brincadeiras da infância das mães e das filhas participantes deste estudo. Recife, 2023.

Jogos, brinquedos e brincadeiras vivenciados pelas participantes	Mães que citaram brincar	Filhas que citaram brincar
Bicicleta	M7	F4
Bola de gude	M2, M4, M5, M8	F2
Boneca	M1, M2, M3, M4, M5, M6, M7	F1, F3, F4, F6
Carrinho	M6	
Casinha	M3	
Castanha	M4	
Comidinha	M7	F1
Elástico	M4, M7	F8
Escolinha	M7	F4
Esconde-esconde	M3, M4, M6, M7, M8	F7
Futebol	M5, M8	F1, F2, F5, F7, F8
Ioiô	M4	
Mata-morreu	M1, M2, M5, M7, M8	
Passa anel	M3, M6	
Pega e suas variações	M2, M4, M5, M7, M8	
Pião	M8	
Polícia e ladrão	M7	
Pular corda	M1, M2, M4, M5, M7, M8	F2, F4
Brincadeiras com aparatos eletrônicos		F1, F6
Pintar/Desenhar		F5, F7
Piquenique		F4
Biboquê		F6
Castelos de areia		F8

FONTE: Autoria própria, 2023.

Na tabela 3, a primeira coluna à esquerda faz referência às experiências das mães durante o brincar das suas infâncias a partir de comentários realizados durante as entrevistas. A disposição destas e a relação entre jogos, brinquedos e brincadeiras encontra-se da seguinte forma: 87,5% das mães citaram ter brincado de boneca; 75% de pular corda; 62,5% de esconde-esconde, mata morreu e pega e suas variações; apenas 25% citaram ter brincado de amarelinha, elástico e futebol; e 12,5% com animais de brinquedo, balanço, bambolê, barra-bandeira, bicicleta, carrinho, casinha, comidinha, escolinha, ioiô, pião, polícia e ladrão e castanha. Está, trata-se de uma brincadeira grupal em que o objetivo dos participantes está em derrubar as castanhas de caju que são dispostas uma sobre as outras.

Quando sondadas através do procedimento do D-E, encontramos os seguintes dados associados a preferência do brincar das crianças: 62,5% apontaram costumar brincar no seu dia a dia de futebol; 50% com boneca; 25% de amarelinha, balanço e pular corda; e 12,55 sinalizaram para o brincar com bicicleta, bola de gude, de comidinha, esconde-esconde, elástico e escolinha. Para mais, algumas trouxeram jogos, brinquedos e brincadeiras que não fizeram parte dos discursos das mães, são eles: brincadeiras envolvendo aparatos eletrônicos (25%), o pintar/desenhar (25%), piquenique (12,55%), biboquê (12,55%) e castelos de areia (12,55%).

O envolvimento em brincadeiras populares é notado em ambos os grupos de participantes (mães e filhas). Brincadeiras populares ou tradicionais refere-se àquelas que os adultos brincavam durante sua infância e que são transmitidas culturalmente entre as gerações através da oralidade³. A título de exemplos temos: o brincar de amarelinha, pular corda,

esconde-esconde e barra-bandeira. Com a análise dos dados, é notável a diminuição da frequência do envolvimento das filhas nesses tipos de brincadeiras. Esse dado reafirma o que é exposto por Almeida et al.¹⁰, que elucidam, em seu trabalho, sobre o fato de algumas brincadeiras populares já não fazerem parte com tanta frequência do cotidiano das crianças de hoje em dia, devido à perda de espaço para as novas tecnologias.

Ao analisar as características dos brinquedos a partir dos discursos das mães foi observado que os produzidos artesanalmente se faziam mais presentes, sendo eles confeccionados pelas próprias quando crianças. São eles: bonecas produzidas a partir do caule da bananeira e da espiga do milho; animais confeccionados com frutos e paus; bambolê a base de cipós; pratos, copos e carrinhos feitos de sucata ou de barro; e bolas produzidas com trapos ou improvisadas com coco seco.

A zona rural permite um direto contato com a natureza e espaço ampliado para que as crianças possam interagir umas com as outras durante o brincar. Ao analisar as características do brincar de mães e filhas, pudemos identificar a introdução de aspectos do próprio ambiente natural (areia, folhas, frutos, barro e cipós) na confecção dos seus brinquedos. Ainda de acordo com as narrativas das mães, vê-se que a infância da grande maioria não era condizente com condições socioeconômicas favoráveis à aquisição de brinquedos industrializados. Assim, além do prazer que as movia em criar seus próprios brinquedos manualmente, a construção destes também era uma necessidade imposta naquela época devido à dificuldade de adquiri-los por outros meios.

As narrativas abaixo caracterizam a dificuldade em adquirir brinquedos industrializados durante a infância das mães, relato apresentado por 7 (sete) das 8 (oito) entrevistadas.

“Vê só, eu nunca tive uma vida financeiramente muito boa, né? Sempre fui uma pessoa que não tive muito brinquedo. Eu morava no sítio e minha vizinha em cima tinha uma condição de vida melhor. Então vê só com o que eu brincava... eu pegava, ia pra dentro dos matos, catar os lixos dela, as panelinhas de, de, de margarina, de tudo pra poder brincar de casinha com as minhas vizinhas” (M3).

“Meus brinquedos..., eu, eu, assim, do que eu lembro né..., pegava aquelas bonecas de milho e minhas bonecas era aquilo. Meus pais não tinham condição de comprar” (M6).

“Eu pedia muito à minha mãe pra ela comprar aqueles bebezinhos bonitos das lojas pra mim, aí mãe: minha filha eu não tenho condições. Aí ela comprava aqueles bonecos Joãzinho e eu ficava satisfeita com minhas irmãs” (M4).

Esse cenário se difere do atual, onde pode ser visto que as filhas se têm beneficiado com maior facilidade na aquisição desses tipos de brinquedos e os utilizados com maior frequência na prática do seu brincar.

Nas duas primeiras décadas do século XXI, houve um número crescente de programas de transferência de renda do Governo Federal que abrange as famílias no meio rural¹⁷. As famílias entrevistadas, além de serem assistidas por esses programas, envolvem-se em atividades econômicas ligadas à agricultura e/ou a prestação de pequenos serviços aumentando assim a sua fonte de renda familiar. O aumento da renda per capita familiar, a diminuição do número de componentes na família e a influência constante dos meios digitais e das mídias, contribuem progressivamente para esse aumento do consumo de brinquedos industrializados.

Em análise dos discursos ambas as gerações, infere-se que o ambiente exterior das casas, popularmente denominado no meio rural como “terreiro”, foi o mais citado pelas participantes (mães e filhas) como local onde as brincadeiras geralmente se desenvolviam. Sendo os

familiares os principais parceiros durante as brincadeiras, meninos e meninas de diferentes idades em interação.

“A gente morava em fazenda e era afastada de tudo. A diversão da gente era só os irmãos mesmo” (M8).

Conforme já citado neste trabalho, em comparação aos centros urbanos, a zona rural apresenta baixa densidade populacional e maior distância territorial entre as residências⁸. Essa distância tem potencial de isolar os indivíduos contribuindo para que a interação durante o brincar passe a ocorrer, na maioria das vezes, com os próprios componentes familiares. Tal característica, associada à redução da taxa de fecundidade, podem colaborar para uma possível diminuição do número de crianças em brincadeiras grupais.

3.3 O brincar entre mães e filhas moradoras da zona rural

Quando abordadas acerca do brincar com suas filhas, as mães revelaram destinar pouca quantidade de tempo para a atividade em questão. Algumas relatam a frequência de uma vez ao mês (3), outras uma vez por semana (1) e teve aquelas que não souberam especificar a frequência (4). Associado a isso, é exposto também o sentimento de culpa.

“Eu sinto falta. Às vezes ela diz assim: oh mainha, “vamo” brincar comigo. Mas quando pensa que não, sou muito ocupada nos afazeres da casa. Isso aí, isso aí é uma coisa que às vezes eu sinto e digo assim: puxa vida, nem pra sentar pra brincar com minha filha. Eu sinto, né?” (M4).

Das justificativas para o não brincar das mães com suas filhas, é apontado a falta de paciência, a sobrecarga de atividades na rotina da criança e a sobrecarga de atividades na rotina das mães. Sendo esta última a mais citada.

“De vez em quando eu brinco, porque sou um pouquinho estressada, sabe!? Mas eu sempre brinco um pouquinho” (M5).

“Agora tá difícil, visse. Porque agora eu tenho minhas coisas pra fazer em casa e ela estuda também. É muito trabalho na escola, ela também estuda PETI, passa o dia na escola e só chega à noite” (M8).

“Porque assim, eu também, negocio com vendas nas portas. “Manel” (Manoel, marido) também às vezes me ajuda muito em casa né? Que às vezes eu chego muito cansada e tudinho, e aí já é hora de fazer a comida. Aí nem sobra tempo pra brincar com ela” (M4).

Sabe-se que a brincadeira geralmente é introduzida na vida da criança pelos seus pais ou pessoas que cuidam dela, se tornando um mecanismo pelo qual a criança fortalece vínculos afetivos e melhor interage com o meio em que vive¹⁸. Identifica-se na pesquisa a fragilidade do brincar entre mães e filhas participantes, sendo a sobrecarga de atividades na rotina da criança e das mães um dos principais motivos para esse aspecto.

Historicamente, o patriarcado impõe às mulheres os afazeres domésticos que, somados a outras formas de trabalho, acarretam em uma intensa jornada de trabalho na rotina desse grupo¹⁹. Segundo o IBGE²⁰, semanalmente, as mulheres dedicam 21,4 horas para os afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas, aproximadamente o dobro de tempo destinado pelos homens que atribuem a essas tarefas cerca de 11 horas. O cansaço e a falta de tempo das mães,

implicam na quantidade e na qualidade do tempo dedicado aos seus filhos para atividades como o brincar. Essa lacuna no convívio familiar, gera impactos na propagação das brincadeiras populares, assim como, abre margem para o uso das novas tecnologias como forma de suprir a falta de atenção.

3.4 O brincar contemporâneo sob o ponto de vista de mães moradoras da zona rural: semelhanças e diferenças da sua infância.

É a partir da análise da percepção das mães que buscou-se compreender as semelhanças e as diferenças entre o brincar da sua infância e o brincar contemporâneo, o brincar das suas filhas.

Dentre as semelhanças identificadas pelas mães, cerca de 62,5% (5) apontam os jogos, brinquedos e brincadeiras similares entre as épocas, sobretudo o brincar de boneca, casinha e panelinhas, futebol, pular corda e pega. Enquanto 37,5% (3) não souberam pontuar semelhanças.

No que diz respeito às diferenças, 62,5% (5) das mães apontam como diferenças mais notórias no brincar a mediação tecnológica e midiática, 12,5% (1) aborda sobre a facilidade em adquirir brinquedos e jogos industrializados, 12,5% (1) caracteriza como diferença o “não brincar”, a falta de conhecimento quanto a cantigas de rodas e a segurança nas ruas, e 12,5% (1) aponta sobre a qualidade dos brinquedos, alegando maior qualidade àqueles produzidos atualmente. Tais características estão abordadas nas narrativas a seguir:

“Hoje em dia as meninas só querem brincar pelo celular. Só querem tá jogando” (M1).

“Que no tempo da gente não tinha essas tecnologias. Hoje em dia é “vou brincar”, quando a gente vai olhar é mexendo no celular, jogando, vendo vídeo, fazendo vídeo delas mesmo. É muita diferença” (M7).

“Porque agora é mais fácil de comprar as coisas e na época era difícil” (M2).

“Vejo diferença assim, né. Na minha questão de ver diferença é porque hoje eles não têm mais aquela cultura que a gente tinha na época. Hoje nem nas escolas eles têm isso mais. Hoje vejo os meninos mais retraídos, sabe, não sabem mais das cantigas que a gente tinha nas brincadeiras. Não tem aquela sabedoria que a gente tinha na época. Mas é porque hoje tá tudo muito difícil, a gente não tem confiança em nada. (...) Tá diferente das brincadeiras de antigamente pra de hoje. E muitos nem querem brincar mais. Mas é aquela questão que eu te disse no começo, a gente não tem mais a confiança de deixar a criança fora brincando” (M8).

“E assim, antes os brinquedos não tinham tanta qualidade como os de hoje...” (M5).

“Dentro de casa PI (pesquisadora), a gente tá mais seguro do que tá lá fora. (...) Porque a gente não confia mais, não é como antigamente. Você saía correndo dentro dos matos, passava o dia todinho e só voltava de meio-dia para comer e voltava de novo. Hoje não é mais assim, mudou muito. A gente não confia mais” (M8).

O brincar carrega características singulares das culturas, épocas e do contexto no qual o indivíduo se insere. Assim, contemporaneamente, diante dos avanços das novas tecnologias torna-se cada dia mais difícil evitar o contato das crianças com jogos e atividades lúdicas que envolvam o uso de aparatos eletrônicos como televisão, computador, tablet e celular. Porém, a literatura aponta que aspectos como o aumento do tráfego de veículos, o aumento da violência,

a falta de atenção dos pais e a diminuição dos espaços para brincar colaboram para o aumento do uso dessas novas tecnologias pelas crianças^{21,22}.

Essas tecnologias vêm se tornando cada vez mais cedo presentes na infância, substituindo brinquedos e brincadeiras grupais e diminuindo o brincar nas ruas. O envolvimento das crianças com aparatos tecnológicos se torna um aspecto relevante e recorrente nesse trabalho, apontado como a diferença mais evidente entre o brincar de mães e filhas. Bento¹⁸, explica que o uso destes pode ser capaz de transformar o brincar das crianças em um brincar mais passivo, desenvolvendo menos das suas capacidades criativas e da sua espontaneidade à medida que as tornam mais ansiosas e intolerantes a frustrações:

Mencionada por uma das entrevistadas, vale ressaltar a sensação de insegurança que ultrapassa a barreira rural/urbano e vem se tornando crescente nos últimos anos entre a população brasileira. Esse panorama tem diminuído a confiança dos pais em permitir que seus filhos brinquem livremente nos limites das propriedades rurais como medida de controle e proteção, sendo um dos múltiplos aspectos que vêm direcionando o brincar de fora para dentro de casa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propôs estudar sobre o brincar de moradoras da zona rural, em uma perspectiva intergeracional. A partir dos resultados foi possível identificar que as brincadeiras populares e grupais se fazem mais comuns no cotidiano da infância das mães e suas filhas, moradoras na zona rural de Limoeiro-PE. E que elementos da natureza, característicos do ambiente em que estão inseridas, costumam ser presentes na ludicidade e criatividade do seu brincar.

Para mais, também foi possível identificar semelhanças e diferenças ao comparar o modo de brincar da infância das mães e de suas filhas. Como semelhanças são pontuados os espaços onde as brincadeiras acontecem, os parceiros do brincar que geralmente são os próprios familiares e as características de jogos, brinquedos e brincadeiras. Por outro lado, a inserção das novas tecnologias no cotidiano das crianças, a facilidade na aquisição de brinquedos industrializados e a qualidade dos brinquedos são tidos como as diferenças mais evidentes.

Sobre a influência dos fatores ambientais e pessoais nas atividades humanas do indivíduo, é importante evidenciar a diversidade cultural, econômica, geográfica e temporal que compõe o cenário rural dos dias atuais e que contribui para a variedade e a transformação dos jogos, brinquedos e brincadeiras que são vivenciados pelas crianças. Assim, diante do objetivo deste estudo e do quantitativo da amostragem, os dados apresentados podem apresentar divergências com estudos semelhantes em relação às características de jogos, brinquedos e brincadeiras vivenciados em diferentes espaços rurais, podendo se tornar, a partir da sua natureza, um guia para novos estudos e inquietações que envolvam o tema.

REFERÊNCIAS

1. Dantas GP. O brincar no desenvolvimento infantil. São Paulo: Editora Senac, 2017.
2. Pfeifer LI, Sant'Anna MMM. O brincar em tempos de pandemia da covid-19: reflexões sob a perspectiva da terapia ocupacional. Rev Interinst Bras Ter Ocup. 2022; 6 (1): 834-844. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto41994>
3. Silva MFSS, Andrade AP, Torrer MFP, Amorim GCC. As brincadeiras das crianças de ontem e de hoje no contexto sociocultural. Holos. 2017; 33 (3): 62-74. <https://doi.org/10.15628/holos.2017.5763>

4. Joaquim RHVT, Silva FR, Lourenço GF. O faz de conta e as brincadeiras como estratégia de intervenção para uma criança com atraso no desenvolvimento infantil. *Cad Bras Ter Ocup.* 2018; 26 (1): 63-71.
<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1957>
5. American Occupational Therapy Association. Occupational therapy practice framework: domain and process. *Am J Occup Ther.* 2020; 74 (2).
<http://dx.doi.org/10.5014/ajot.2020.74S2001>
6. Navarro MS, Prodócimo E. Brincar e mediação na escola. *Rev Bras Ciênc Esporte.* 2012; 34 (3). <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892012000300008>
7. Kothe S, Kirchner EA. As peculiaridades no contexto rural e urbano. In: *Anais do 6th Seminário de Iniciação Científica do Curso de Pedagogia e 2th Seminário Institucional Interdisciplinar; 2015 Out; Itapiranga, SC. Itapiranga: FAI – Faculdades de Itapiranga; 2015.*
<http://faifaculdades.edu.br/eventos/SEMIC/6SEMIC/arquivos/resumos/RES26.pdf>
8. Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do Brasil: uma primeira aproximação. Rio de Janeiro: IBGE - Coordenação de Geografia; 2017 [citado 10 ago. 2023]. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100643.pdf>.
9. Werlang BG. Avaliação inter e transgeracional da família. In: Cunha JÁ (Orgs.), et al. *Psicodiagnóstico-V. 5 ed.* Porto Alegre: Artmed, 2000, p. 141-150.
10. Almeida RR, Rocha NMFD, Costa MFV. O assentamento rural como contexto das práticas lúdicas intergeracionais: a negociação entre a tradição e o novo na recriação do brincar. In: Costa MFV, Pereira JÁ, Santos NAC, Astigarra AA, Silva MS, (Orgs.). *Infância e relações etnoraciais em pesquisa.* Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017. p. 47-62.
11. Minayo MCS. Trabalho de Campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: Deslandes SF, Comes R, Minayo MCS, (Orgs.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade.* Petrópolis: Vozes, 2020, p. 56-71.
12. Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Demográfico de 2022; 2022 [citado 10 ago. 2023]. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/limoeiro/panorama>.
13. Castro PF, Souza RM, Galvão NAR, Ferreira GS, Souza SAA, Silva PC, et al. A atualização do procedimento Desenho-estória com tema no desenvolvimento de pesquisas em iniciação científica. In: Amparo DM, Okino ETK, Osório FL, Hisatugo CLC, Tavares M, (Orgs.). *Métodos projetivos e avaliação psicológica: atualizações, avanços e perspectivas.* Anais do 5th Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos projetivos; 2012, 6. ed. Ago 241-296; Brasília, DF: Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos; 2012. Disponível em: http://newpsi.bvs-psi.org.br/ebooks2010/pt/Acervo_files/MetodosProjetiv-AvaliacPsi.pdf

14. Gomes R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: Deslandes SF, Comes R, Minayo MCS, (Orgs). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes; 2020. p. 72-95.
15. Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Séries históricas e estatísticas: população e demografia. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/lista_tema.aspx?no=10&op=02016. Acesso em: 30 jun. 2021.
16. Duarte, HFFL, Teixeira, EC. (2021). Efeito do nível de escolaridade sobre a fecundidade no Brasil. *Economia & Região*, 9 (1), 167–185. <https://doi.org/10.5433/2317-627X.2021v9n1p167>
17. Amorim DIM, Bacha CJC. Mudanças no meio rural brasileiro na segunda década do século XXI. *Econ Soc.*; 31 (3): 823-845. Disponível: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8671789/30788> doi: 10.1590/1982-3533.2022v31n3art11
18. Santos GL, Neves PJ. A importância do brincar no desenvolvimento da criança [tese]. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba; 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/2427>
19. Silva JMS, Cardoso VC, Abreu KE, Silva LS. A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. *RF*. 2021; 8 (3). Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42114>
20. Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em média, mulheres dedicam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas. Rio de Janeiro; 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24266-mulheres-dedicam-mais-horas-aos-afazeres-domesticos-e-cuidado-de-pessoas-mesmo-em-situacoes-ocupacionais-iguais-a-dos-homens>
21. Bento KDD. Os impactos das novas tecnologias no brincar [tese]. São Paulo: Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia; 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/27626>
22. Luz GM, Kuhnen A. O uso dos espaços urbanos pelas crianças: explorando o comportamento do brincar me praças públicas. *Psicol reflex crit*. 2013; 26 (3): 552-560. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000300015> doi: 10.1590/S0102-79722013000300015